

humanitas

Vol. LIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. LIII • MMI



O FOGO DE PROMETEU*

ANA PAULA QUINTELA SOTTOMAYOR
Universidade do Porto

Abstract: The author analyses the main differences between the Hesiodic Prometheus and the *Bound*. These distinctions are not only substantive but also formal; the former are due to Aeschylean philosophic and religious thoughts and the latter to compelling circumstances of dramatic writing.

The playwright made Themis Prometheus' mother, as this was the only way for him to take notice of the secret which would buy his liberation, i.e. the ominous marriage of Zeus with Thetis. Also, the identification of Themis - Justice – with Gaea – Earth – seems full of symbolism: Aeschylus produces a kinship between the Titan and Justice, but also between the Philantropist and the Earth, by assimilating likewise Justice to the Earth in order to mean that Justice is on the side of Prometheus and of mortals. Otherwise, Zeus who is regarded as Justice itself in the *Oresteia* and in the *Suppliant Women*, is presented in the *Prometheus Bound* as a tyrant who persecutes the Philantropist.

Another Aeschylean innovation has to do with the presence of the two allegoric deities – Power and Force. According to Dodds, Prometheus represents knowledge without power and Zeus power without knowledge; this is related to the Hellenic notion of perfectibility of a god who, at the beginning, ruled exclusively by force.

The Hesiodic Prometheus is but a mere transgressor who stole the fire only to set himself against Zeus; both are rogues as those we find in comedies. Obviously this might not happen in a tragedy. Thus, in *Prometheus Bound*, in spite of being enemies, none of them is ignoble, neither Zeus nor Prometheus. The Philantropist acted for the sake of human beings, by giving to Humanity not only fire but also hope (this represents one more difference between Hesiod and Aeschylus); this same hope led him to endure his suffering with courage and determination. That is why he has become a symbol of freedom throughout the ages.

O fogo, ao surgir no mundo, dissipou as trevas e trouxe aos Homens a luz da civilização e da esperança. “Prometeu – diz Jaeger¹ – é o que o traz a luz à Humanidade sofredora. O fogo, essa força divina, torna-se o símbolo sensível da cultura.”

Para os Gregos, assim como para muitos outros povos da Antiguidade, um bem tão precioso – “O maior, o mais nobre e o mais escondido tesouro do Universo”, no dizer do P^o António Vieira² – não podia ser senão um privilégio dos deuses, θεῶν γέρας, como é designado no v. 82 da tragédia *Prometeu Agrilhoado*.

A divindade helénica detentora do fogo era Hefesto, o deus-artífice que, na *Iliada*, forja o escudo de Aquiles e que, tanto no *Hino Homérico* que lhe é dedicado, como na chamada *Elegia às Musas* de Sólon, é cantado como aquele que, juntamente com Atena, ensinou aos mortais a sua arte. No entanto, como faz notar Jacqueline Duchemin³, e, ao contrário do que se poderia esperar, não foi das suas mãos que os Homens receberam o fogo. Essa tarefa coube a Prometeu, o Titã filantropo que arrebatou do céu o fogo para o dar de presente aos mortais.

Este mito foi tratado, pela primeira vez, por Hesíodo, tanto na *Teogonia* (vv. 517-616), como nos *Trabalhos e Dias* (vv. 42-105), poemas onde o Titã é apresentado como filho de Jápeto e da Oceânide Clímene. Em ambos se conta como Zeus foi ludibriado por Prometeu, no dia em que este, chamado a dirimir a contenda sobre a atribuição aos deuses e aos mortais dos lotes dos sacrifícios, depois de ter esquartejado um boi, separou, para um lado, um montão de ossos coberto de gordura e, para o outro, a melhor parte da vítima dissimulada debaixo do estômago do animal sacrificado. Zeus, a quem estas duas porções foram apresentadas, para que escolhesse uma delas, fingindo cair no engodo, pois queria ter um pretexto para aniquilar a espécie humana, preferiu o quinhão aparentemente mais apetecível, mas que, na verdade, era o pior. Por esta razão, durante os sacrifícios se queimavam nos altares dos deuses os ossos dos animais

* Participação na sessão dedicada ao mito de Prometeu, realizada no Instituto de Justiça e Paz, no dia 9 de Março de 2001, por ocasião da 3^a Semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra.

¹ *Paideia* (tradução portuguesa), Lisboa, p. 287.

² *Sermão de Santa Bárbara* § II, 436 (*Sermões do Pe António Vieira*, vol. VII, São Paulo, 1944, p. 474).

³ *Prométhée*, Paris, 1974, pp. 30-31.

imolados. Como castigo, o Senhor do raio privou do fogo os mortais, pois, em última análise, a ele pertencia este elemento. Então, servindo-se de novo ardil, o Filantropo restituiu o fogo aos homens, arrebatando-o do céu no caule duma canafrecha. Como retaliação por esta dádiva, Zeus decidiu enviar aos homens um presente envenenado, a primeira mulher – Pandora – “um mal belo” (καλὸν κακόν) apodo com que Hesíodo a brinda, no v. 585 da *Teogonia*. Quanto a Prometeu, agrilhoou-o Zeus a meia-altura duma coluna, condenando-o, além disso, a suportar o flagelo duma águia que lhe devorava o fígado continuamente renovado, vindo a consentir, mais tarde, que seu filho Hércules a abatesse.

Entre a visão hesiódica deste mito e a trama do *Prometeu Agrilhoado* muitos são, sem dúvida, os pontos de contacto, mas também há a assinalar relevantes diferenças tanto substantivas, como formais, resultando as primeiras das concepções filosófico-religiosas de Ésquilo e as segundas dos imperativos da construção dramática.

O mito de Prometeu, na sua essência, era adequado para ilustrar o tema preferido do dramaturgo: o castigo da *hybris*, do ultrapassar dos limites da justa medida. N’*Os Persas* diz o poeta que “a insolência, ao brotar, produz a espiga do desvario, cuja messe é feita de lágrimas” (vv. 821-822). O Filantropo, por ter concedido “aos mortais honras que transcendem o que é justo” (v. 30), incorreu no pecado da *hybris* como lhe faz notar Hefesto, quando o agrilhoa; esta voluntária *hamartia*, gerada por um desmesurado amor pela espécie humana, perpreitou-a Prometeu com plena consciência, até mesmo com presciência – ou não significasse o seu nome “o Providente”: “Mas eu sabia tudo isto. Cometi este erro por querer, por querer – não o negarei. Para valer aos mortais, eu próprio vim cair na desgraça.” (vv. 265-267)⁴.

Zeus, no entanto, também excedeu os seus limites, ao castigar o Filantropo com demasiada severidade, o que, se depreende das palavras do Titã: “É certo que eu não pensava que consumido por tais sofrimentos e agrilhoado a estes altos rochedos, me caberia em sorte este pico ermo e solitário” (vv.268-270).

Defrontam-se, portanto, nesta tragédia, dum lado, um rebelde obstinado que, por isso mesmo, se tornou símbolo da personalidade firme que tudo arrosta para alcançar o que deseja e, do outro, um tirano inflexível, injusto e ingrato, a ponto de esquecer os sábios conselhos que Prometeu lhe dera para vencer os

⁴ “Os padecimentos e erros de Prometeu têm origem nele mesmo, na sua natureza e na sua acção”, observa Werner Jaeger, p. 287.

Titãs. Para que estas duas forças em tensão se reconciliem, é indispensável que ambas entrem na ordem cósmica que perturbaram. Sem dúvida que, na sequência da trilogia, Prometeu abrandaria a sua cólera e Zeus aprenderia a perdoar. Um e outro tenderiam, assim, para a moderação.

Esta questão prende de forma inextricável, por um lado, com o conceito helénico de perfectibilidade dos deuses, nomeadamente de Zeus, e por outro, com a inserção da peça na trilogia dos Prometeus (quicá dilogia, se aceitarmos a opinião de Focke⁵).

O Pai dos deuses e dos homens, embora não apareça como personagem do *Prometeu Agrilhoado*, está presente, ao longo de toda a peça, onde é tratado da forma mais aviltante, não só através dos impropérios do Titã e das justas lamentações da alucinada e inocente Io, mas também da hipocrisia bajuladora de Oceano, do servilismo sabujo de Hermes e da dureza inabalável do Poder. Pelo contrário, tanto na *Oresteia* como n'As *Suplicantes*, Zeus é identificado com a própria Justiça.

Em contrapartida, é curioso notar que, no *Prometeu Agrilhoado*, Ésquilo considera Témis, a Justiça, como mãe de Prometeu, em vez da Oceânide Clímene, que é referida na versão hesiódica. A meu ver, esta inovação esquiliana não é gratuita, assim como também não me parece despida de simbolismo a identificação de Témis com Gaia, a Terra. Desta forma, o poeta cria deliberadamente laços de parentesco entre o Titã e a Justiça, entre o Filantropo e a Terra, ao mesmo tempo que assimila a Justiça à Terra, como que a significar que, nos tempos que imediatamente se seguiram à vitória dos «deuses novos», a Justiça estava ao lado de Prometeu e dos Homens e não de Zeus. Parece-nos que corroboram esta hipótese os seguintes versos que o coro entoou no párodo:

«Novos senhores
Governam o Olimpo
E, com leis novas,
Zeus **rege sem regra**
E destrói, agora,
Os fortes de antanho».

Não terá sido, no entanto, exclusivamente por motivos de ordem filosófico-religiosa que Ésquilo atribuiu a Témis o papel de mãe do Titã, mas,

⁵ «Aischylos Prometheus», *Hermes*, 65 (1930), pp. 259-304.

porque, do ponto de vista formal da construção do drama, precisava de explicar de que maneira conhecia Prometeu um funesto vaticínio sobre Zeus, que predizia a sua destruição, no caso de ele se unir à Nereide Tétis. Este precioso segredo, que Prometeu não tencionava revelar a Zeus antes de ser desagrilhoado, só Témis o conhecia, devido aos seus dons proféticos, ela que, aliás, no prólogo *d'As Euménides* (v.2) é apresentada como profetisa do templo de Apolo em Delfos⁶. Assim sendo, ao fazer de Prometeu filho de Témis, encontrou Ésquilo o modo mais verosímil de o Titã ficar a conhecer um oráculo que lhe valeria a sua libertação. De resto, tinha sido também Témis quem, como mãe, revelara a Prometeu que, para alcançar a vitória sobre os Titãs, deveria Zeus usar como arma a astúcia, que não a violência. E, por fim, é de Témis que Prometeu herda os dons divinatórios patentes sobretudo no diálogo com Io.

Penso não ser meramente formal uma outra diferença em relação à narrativa do mito que Ésquilo recebeu das mãos de Hesíodo – a presença, de modo nenhum despreciada, no prólogo, de duas divindades alegóricas – Poder e Força – que agrilhoam Prometeu, conquanto a segunda mais não seja do que um figurante.

É à luz da opinião de Dodds⁷, que considera que, no *Prometeu Agrilhoado*, o protagonista representa o saber sem o poder e Zeus o poder sem o saber, que julgo dever interpretar-se esta inovação intimamente ligada com a concepção esquiliana da perfectibilidade de Zeus, que, ao princípio, dominava unicamente através do poder e da força. Em conformidade com este ponto de vista, surge no *Agamémnon* (vv. 177-178) a noção de que Zeus ensinou aos homens que só pelo sofrimento é que se aprende – trata-se do bem conhecido *πάθει μάθος*. Outrossim, no *Prometeu Agrilhoado*, a respeito de Zeus, diz o protagonista, no párodo: “Penso que, ainda um dia a sua alma se adoçará, quando for despedaçado pelos sofrimentos” (v. 187-189) e, no êxodo, em resposta a Hermes, que perante uma exclamação de dor do Titã, comenta: “Aí está uma palavra que Zeus ignora” (v. 980), Prometeu responde: “Mas o tempo, envelhecendo, tudo ensina” (v. 981).

⁶ Conforme se diz no prólogo de *Euménides*, a primeira profetisa a tomar assento no templo de Apolo em Delfos foi a Terra (Gaia) e, em seguida, a sua filha Témis. Prometeu, no 1º episódio (vv. 209-210), identifica Témis com Gaia: “uma só forma, com muitos nomes”.

⁷ Ponto de vista apresentado em aulas, na Universidade de Oxford, *apud* M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa⁸, p. 411.

O abrandamento de Zeus e a conseqüente e anunciada libertação do Titã davam-se, como é óbvio, no *Prometeu Libertado*.

Um catálogo antigo menciona ainda um outro *Prometeu* – o *Portador do Fogo*. Certezas não podemos ter, porque destas duas últimas tragédias só chegaram até nós escassos fragmentos, mas, com base na predilecção de Ésquilo pelos *aitia* – que estabeleciam a relação entre os mitos e os rituais – e, por analogia com a terceira peça da *Oresteia*, em que se assiste à transformação das Erínias em Euménides – as deusas benéficas que protegiam Atenas – é plausível deduzir que o *Prometeu Portador do Fogo* trataria da instituição do culto em honra do Titã, terminando a peça provavelmente com um cortejo de archotes. Sabe-se, além disso, que existia na Academia um altar consagrado a *Prometeu Pyrphoros* e que os oleiros atenienses do «Cerâmico» celebravam festas em sua honra, em que havia corridas de archotes⁸, que eram comuns ao culto prestado a Hefesto e Atena. Já tivemos ocasião de ver que, tanto no *Hino Homérico a Hefesto*, como na *Elegia às Musas* de Sólon, Atena e o deus do fogo aparecem associados, considerados ambos como mestres dos artesãos. O mesmo acontecia com *Prometeu*, tido não só como deus do fogo mas também dos artífices, referindo-se, por isso, o protagonista de *Prometeu Agrilhoado* à “nascente do fogo ... que se revelou mestra de todas as artes e grande recurso para os mortais” (vv. 110-111) e afirmando lapidariamente, mais adiante: “Todas as artes para os mortais vêm de *Prometeu*” (v. 506).

No 2º episódio, Ésquilo, pela boca do Filantropo, enumera os benefícios que o fogo proporcionou à Humanidade. Note-se, antes de mais, que os primeiros homens viviam em cavernas subterrâneas e escuras. A luz do fogo veio iluminar o mundo e os espíritos, retirando-os das trevas e da ignorância. De pueris passaram a seres dotados de razão e eles, que, ao princípio, não tinham discernimento, começaram a saber distinguir as estações do ano e também o nascer e o ocaso dos astros. Iniciaram-se nos números, “a principal das invenções engenhosas” (v. 459) e na escrita “memória de tudo quanto existe, obreira mãe das musas” (v. 461). Aprenderam a construir casas, a utilizar os animais no trabalho, a navegar, a extrair minério, a curar doenças, a praticar a adivinhação.

Quando Taplin, no *Fogo Grego*⁹, sustenta que “o mito de *Prometeu*

⁸ N’As *Rãs* de Aristófanes (vv. 128-132), há uma referência a estas corridas de archotes no supracitado bairro dos oleiros em Atenas.

⁹ p. 147 da tradução portuguesa.

contém uma alegoria ao progresso científico” está, sem dúvida, a pensar neste passo, pois, segundo Paul Mazon¹⁰, só nesta obra é que o Filantropo é considerado como inventor de todas as artes.

Em Hesíodo, Prometeu é o prevaricador, que rouba o fogo numa atitude de puro acinte, apenas para se opor à reacção de Zeus perante o logro em que o Titã o tinha feito cair. Um e outro são embusteiros vis que se divertem a urdir artimanhas e a trocar entre si palavras arditas. Aproximam-se das figuras da comédia.

Nada disto acontece – nem podia acontecer – no *Prometeu Agrilhado*. Prometeu é inimigo de Zeus e Zeus de Prometeu, mas nenhum deles é ignóbil, como convém numa tragédia. Foi, sem dúvida, também por isso que Ésquilo omitiu o ludíbrio feito por Prometeu a Zeus na distribuição dos lotes do sacrifício, episódio que não seria dignificante para nenhum dos dois deuses. Prometeu não rouba o fogo ao Pai dos deuses apenas para lhe fazer frente, mas sim por filantropia, por se apiedar dos mortais, que Zeus queria aniquilar.

Para além do fogo – e aqui se insere uma outra inovação em relação ao mito transmitido por Hesíodo – o Titã dá aos homens a esperança. Para Hesíodo a esperança encontrava-se na vasilha dos males que Pandora, por curiosidade, abriu. Como não chegou a sair, porque a mulher “por desígnio de Zeus” colocou de novo a tampa, muito se tem discutido se o poeta a consideraria um bem ou um mal. De passagem, saliento, por me parecer a mais interessante, o opinião de Herman Fränkel¹¹: a esperança teria ficado retida na vasilha, porque, se saísse, realizar-se-ia, perdendo assim a sua verdadeira essência.

O texto de Ésquilo, no entanto, não suscita estas dúvidas. Ao saber da boca de Prometeu que ele deu aos homens “cegas esperanças” (v. 250), o Corifeu responde, “Grande bem deste aos mortais” (v. 251). Para Ésquilo, embora a esperança possa ser dúbia, ainda assim é benéfica para a Humanidade ... para a Humanidade e para Prometeu, que suporta heroicamente os seus sofrimentos, na esperança de, um dia, ver quebrados os grilhões que o acorrentam.

Ele é o Agrilhado, mas simultaneamente um rebelde intrépido, de espírito indómito e resistente, que se recusa a dobrar a cerviz ao jugo da tira-

¹⁰ Eschyle, I, Paris, 1958, p. 154.

¹¹ *Dichtung und Philosophie des frühen Griechentums*, p. 131.

nia¹². Esta sua insubmissão de apóstolo da liberdade¹³ converteu-o em símbolo da heroicidade inquebrantável de quem luta abnegadamente por um ideal.

Recordo, a este propósito, as palavras de Jaeger¹⁴: “Não é sem razão que o *Prometeu* tem sido sempre, dentre as obras da tragédia grega, a peça preferida dos poetas e filósofos de todos os povos; e continuará a sê-lo enquanto arder no espírito humano uma centelha do fogo prometeico”.

¹² Por isso, afirma, ao dialogar com Hermes: “não trocaria a minha desgraça pela tua servidão” (vv. 966-967).

¹³ “Não há grilhão que já cative/Minha esperança triunfal” (João de Barros, *Canto de Prometeu*).

¹⁴ *Op. cit.*, p. 288.